

## Nota de Abertura

Produção, distribuição e repartição são variáveis económicas subjacentes ao núcleo temático dos artigos que compõem o presente número da Revista da Faculdade de Letras - História, a cujo fio condutor, por razões de abrangência cronológica e morfológica, se deu a designação de *Negócios, Empresas, Trabalho*. Longe de pretender qualquer tratamento exaustivo destas problemáticas, este número da Revista, pretende antes evidenciar as suas conexões no campo historiográfico e disponibilizar diferentes formas de abordagem, dando espaço aos investigadores que, tendo nexos institucionais ou apenas pessoais com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, se disponibilizaram a apresentar, através deste meio de comunicação, alguns resultados das suas investigações, atitude que merece, desde já, o reconhecimento do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais (nova designação institucional que enquadra os recursos materiais e humanos anteriormente afectos ao Departamento de História).

Centrando-nos no dossier temático, convidamos o leitor a acompanhar uma série de digressões pelo campo da história económica e da história social, acompanhando homens e/ou grupos em acções que envolvem criação ou repartição de valor em diferentes contextos históricos e posicionamentos diversos, pois, tal como dizia Joseph A. Schumpeter, “a economia é um grande autocarro que transporta numerosos passageiros com interesses e capacidades incomensuráveis” (in *History of Economics Analysis*).

Deste modo, o presente volume disponibiliza um texto de Philippe Braunstein, que nos propicia uma excelente reflexão sobre o trabalho de contornos industriais em várias cidades europeias pelos finais da Idade Média, interrogando-se sobre as configurações das actividades produtivas e das suas formas de organização do trabalho. Em breves mas interessantes linhas, Aurélio de Oliveira traz novas evidências documentais sobre a produção de papel em Braga no século XVI, que indiciam uma precocidade até agora desconhecida, mas verosímil. Se, no campo da história, o “fazer” é o objecto de estudo, a verdade é que há sempre a outra face da moeda, o “não fazer”, sendo pertinente conhecer as razões da aparente inacção ou dos estrangulamentos que confinam ou estrangulam a acção, como é o caso do ensaio apresentado por António Barros Cardoso e Cláudia Vilas Boas, explicando-nos o insucesso do projecto de criação de uma companhia monopolista para os vinhos do Minho nos finais do século XVIII. Pela mesma altura, se verificavam experiências coloniais de implantação fazendeira em territórios ultramarinos, com laivos de aventura individual em ambientes exóticos, marcados por diferentes mobilizações de recursos e sujeitos ao cruzamento de culturas, como se exemplifica com o caso de Valentim, minhoto de Alvarães, senhor de engenho em Mato Grosso, numa narrativa de Maria Amélia Crivelente.

Entretanto, para o bem e para o mal, a empresa ganhou espaço na sociedade, apresentou-se como a organização mais eficaz para a criação de riqueza no mundo ocidental, disseminou-se como pólo agregador de actividades, direitos e responsabilidades, minimizando custos de transacção e/ou assumindo volumes crescentes de contratos, num movimento centrípeto de acções de produção e de troca que antes eram essencialmente do foro individual. Neste quadro, se pode observar a evolução de um empresário individual no sentido da criação de uma das primeiras sociedades por quotas em Portugal no domínio agrícola, numa zona de profunda auto-suficiência e isolamento como era o Nordeste Transmontano, um caso raro de pertinácia individual de Clemente Meneres em torno de um núcleo de terras produtoras de riqueza tradicional - cortiça, azeite, vinho (texto de Jorge F. Alves). Na mesma linha de compreensão empresarial, apresenta-se um estudo de Paulo Guimarães sobre as associações capitalistas de Évora, evidenciando actores, áreas e ritmos de negócio, no longo prazo (1889-1960). De Évora ainda, nos chega a narrativa das vicissitudes da implementação local da electricidade, através de um texto de Ana Cardoso de Matos. Num estudo minucioso de micro-análise, Maria Otilia Lage evidencia-nos os regimes de acção observados em torno da Metalúrgica da Longra, cujos discursos e representações nos surgem enquadrados numa perspectiva mais global sobre o sector metalúrgico e metalomecânico em Portugal, ao longo do século XX. O mundo do pequeno artesanato, sobrevivendo a lógicas empresariais, também assoma nesta colectânea, através de um estudo sobre as condições sociais e de trabalho das rendilheiras de Vila do Conde e da sua produção de rendas de bilros, num estudo apresentado por Filipa Lopes.

Um grupo final de artigos do dossier temático remete-nos para o domínio mais específico do mundo trabalho, a outra face da produção da riqueza. Eduardo Cordeiro Gonçalves permite-nos uma incursão pelos círculos operários católicos na fase posterior à encíclica *Rerum Novarum* e as suas preocupações de carácter laboral, numa fase de afirmação do sindicalismo, com as inevitáveis tentativas de controlo ideológico. Por seu lado, João Paulo Avelãs Nunes conduz-nos ao trabalho das minas, partindo da exploração do volfrâmio e das suas repercussões tanto sobre trabalhadores, como sobre o ambiente. O sindicalismo no Estado é ainda objecto de investigação de Hélder Marques, que estabelece um “estado actual da investigação” respectiva. O dossier termina com dois estudos sobre o trabalho num sector específico, o da saúde: o movimento de ordenamento sanitário subjacente à reorganização das profissões de saúde durante o século XIX, com especial enfoque no caso das parteiras, é o objecto de estudo de Marinha Carneiro; por sua vez, Rui Costa Pinto conduz-nos às movimentações da Ordem dos Médicos durante o Estado Novo e à sua luta pela definição e implementação das carreiras médicas.

Seguindo a tradição, a Revista apresenta ainda outros núcleos. Em “Outros Estudos”, acolhem-se artigos de temática diversa, que reflectem diferentes linhas de investigação. A colecção egípcia do Museu de História Natural da UP (Rogério de Sousa), o mosteiro das Beneditinas da Purificação em Moimenta da Beira (Frei Geraldo), a Ordem do Templo (Cristina Fernandes), corregedores/ouvidores e correições na Feira (Francisco Ribeiro da Silva), o Museu da Emigração (Miguel Monteiro), as eleições entre Monarquia

e República (Maria Antonieta Cruz), os mecanismos e processos das democracias (António Rosas), eis temas que foram alvo de estudos que também se apresentam neste volume.

Sublinhe-se ainda a notícia documentada sobre o falecimento do consagrado Professor Luís Ferrand de Almeida, da Universidade de Coimbra, num texto sentido de Armando Carvalho Homem.

Finalmente, um conjunto de recensões sobre algumas obras recentes e importantes no panorama historiográfico nacional encerra o presente número da *Revista da Faculdade de Letras - História*.

*Jorge Fernandes Alves*